

LISANDRA PARAGUASSU (Interina)

e-mail:educacao@cbdata.com.br

EDUCAÇÃO

Pais devem estar atentos à dislexia

Reconhecer os sintomas é o primeiro passo para facilitar a aprendizagem entre as crianças que sofrem com esse distúrbio

Ninguém ousaria dizer que Albert Einstein — formulador de, entre outras teorias, a da relatividade — era burro. Ou considerar Thomas Edison — o inventor da lâmpada elétrica — um retardado mental. Os dois gênios, no entanto, foram chamados disso e muito mais. Tudo por culpa de um distúrbio de aprendizagem que, às vezes, leva anos para ser identificado: a dislexia.

Trocar letras como o *b* e o *d*, ou o *p* e o *q*, fazem parte da rotina das crianças que têm que conviver com o problema. Assim como a dificuldade de decifrar as frases que a professora coloca no quadro negro, ou dar sentido às contas matemáticas. Os sintomas, no entanto, são frequentemente confundidos com problemas de inteligência. “É um erro grave”, afirma a fonoaudióloga Maria Conceição Oliveira, especialista no tratamento de disléxicos. “O disléxico tem, geralmente, a inteligência normal.”

A dislexia é um problema de conseqüências conhecidas, mas causas nem tanto. Pouco se sabe de concreto até hoje sobre o porquê de uma criança saudável, inteligente e ativa não conseguir distinguir letras e números.

Segundo o neuropsiquiatra Salomão Schwartzmann, especialista em problemas cerebrais, alguns estudos mostram que a maior parte dos disléxicos têm lesões cerebrais quase imperceptíveis. Outros mostram que a assimetria comumente encontrada em partes do cérebro de pessoas sem problemas — o lado esquerdo maior que o direito — é invertido ou não existe nos disléxicos.

Mas estas diferenças não se confirmam em todos os casos, o que continua fazendo das causas uma incógnita. “Não quero passar a idéia de que todo o disléxico tem uma má formação cerebral. Uma porcentagem deles tem, mas isso não significa que essa seja mesmo a causa”, diz Schwartzmann.

GENÉTICA

Um estudo feito na Universidade de Oxford, na Inglaterra, liga o problema à genética. A criança herdaria o gene da dislexia de seus pais, sendo eles disléxicos ou não. “Nós não esperamos que haja um gene para leitura, mas acreditamos que haja um ligado ao desenvolvimento da linguagem”, explica John Stein, do Laboratório de Fisiologia da universidade. O problema neste gene causaria o distúrbio.

As causas não são claras, mas os resultados bastante visíveis para as crianças que as enfrentam todos os dias na escola. A sala de aula se transforma em um pesadelo. Provas, em obstáculos intransponíveis.

As principais características da

dislexia são os problemas para ler, escrever e lidar com números. As crianças costumam espelhar os sinais — o *p* vira *q*, o *16*, *61* —, comer letras, e ter dificuldades para copiar o que está no quadro. Também podem escrever frases juntando as palavras.

Outro problema pode ser a localização espacial e a memória. Dificuldades em assimilar conceitos como direito e esquerdo, em cima e embaixo, na frente ou atrás, dentro ou fora. “Um disléxico tem dificuldades de decorar letras de músicas ou a tabuada, por exemplo”, explica a fonoaudióloga Maria Conceição.

Os problemas físicos podem causar outros danos, mais difíceis de tratar: auto-estima baixa e uma péssima imagem de si mesma. “Preguiçosa”, “infantil”, “desinteressada”, “burra” são apenas alguns dos adjetivos que a criança com dislexia recebe quando começa a apresentar os primeiros sintomas. Poucas pessoas conseguem reconhecer os sinais com facilidade e tendem a acreditar que a criança tem problemas cerebrais, ou é mesmo preguiçosa.

Os rótulos são a pior parte. M.I., mãe de uma menina de 10 anos com dislexia (ela prefere não se identificar para não expor a filha), conta que o primeiro ano da filha na escola foi um inferno. “Ela não conseguia aprender e chorava, dizendo que era burra, cada vez que tinha uma prova”, conta.

A mãe identificou o problema quando a menina ainda estava na pré-escola. Ela não conseguia coordenar as sílabas em uma palavra, mesmo sabendo o alfabeto. Muito menos conseguia formar palavras. A coordenadora da escola sugeriu à família que procurasse uma fonoaudióloga. Na primeira consulta o diagnóstico foi confirmado.

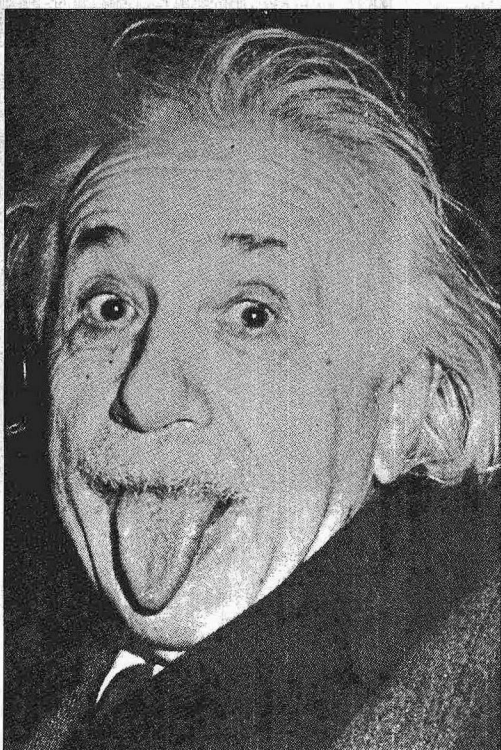
Foram um ano e meio de consultas semanais e trabalhos com uma especialista em psicomotricidade, mais três de aulas particulares. Hoje, a menina está na 4ª série primária e nunca repetiu o ano. “Ela é lenta, mas tem boas notas. Não é melhor nem pior que a média dos colegas”, conta a mãe.

TRATAMENTOS

Reconhecer os sintomas é o primeiro passo para poupar o disléxico de anos de dificuldades e até mesmo do desinteresse pela escola. Hoje, com tratamentos pedagógicos, psicomotores e acompanhamento escolar, uma criança com dislexia pode chegar à faculdade sem problemas, mesmo que mais lentamente.

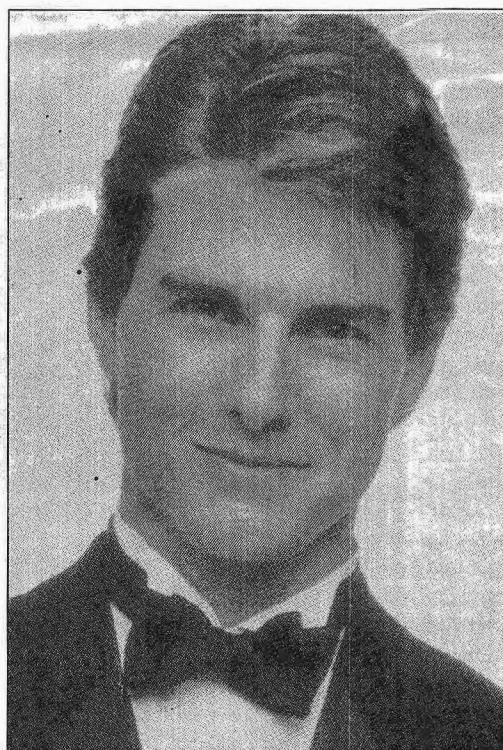
Os exercícios lidam, principalmente, com a parte motora e o desenvolvimento da atenção. A criança precisa aprender a diferenciar entre o correto e a forma que

DISLÉXICOS FAMOSOS



Albert Einstein

Físico, formulou, entre outras, a teoria da relatividade



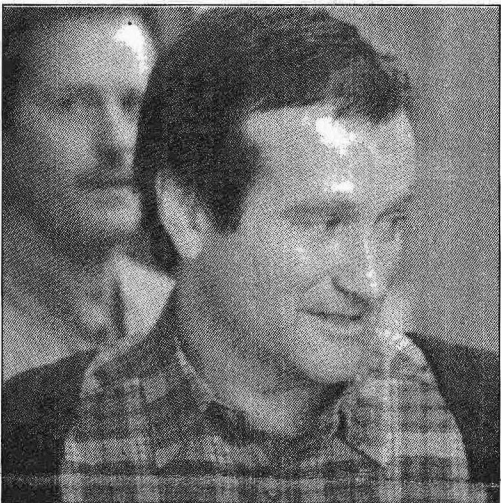
Tom Cruise

Ator americano, considerado um dos galãs de Hollywood



Walt Disney

Criador dos personagens Mickey, Minnie, Pato Donald e Pateta, entre outros



Robin Williams

Ator americano, recebeu o Oscar por sua atuação no filme Gênio Indomável



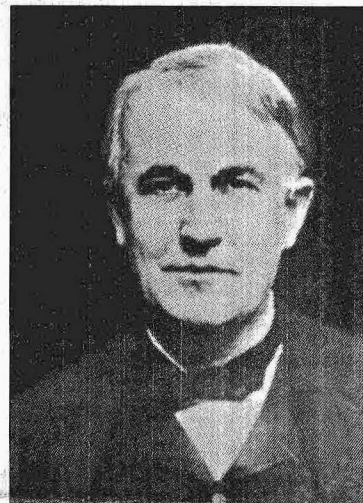
Napoleão Bonaparte

Imperador francês, um dos maiores conquistadores da história mundial



Whoopi Goldberg

Atriz e comediana americana, recebeu o Oscar de atriz coadjuvante pelo filme Ghost



Thomas Edison

Inventor da lâmpada elétrica e do fonógrafo



Winston Churchill

Primeiro-ministro inglês durante a II Guerra Mundial

ela está escrevendo. Não que seja tarefa fácil. “Em casos mais graves a pessoa não vai conseguir aprender nunca a ler”, afirma o médico Schwartzmann. São os chamados cegos verbais — pessoas para o qual uma palavra escrita faz tanto sentido quanto os hieróglifos egípcios. Tais casos, no entanto, são raros. A dislexia atinge entre 3 e 6% das pessoas.

Mas mesmo as formas mais leves exigem dedicação especial da família. A psicóloga Selma Nazaré explica que a pior coisa para um disléxi-

co é a cobrança constante por melhores resultados, a comparação com outras crianças e a sensação de que nada que ela faz dá certo. “Dê tempo ao tempo”, recomenda ela. “A criança disléxica aprende em tempo e de forma diferentes.”

Os primeiros passos, depois de identificar os sinais da dislexia, é encaminhar a criança para uma avaliação com uma fonoaudióloga. Se o diagnóstico for confirmado, a criança terá que fazer um acompanhamento semanal, além das aulas normais.

O trabalho vai ajudá-la tanto a

se localizar no espaço quanto a segurar o lápis e aprender a diferenciar os sons de letras como *p* e *q*. Até mesmo a auto-estima baixa — um dos principais efeitos colaterais do problema — é trabalhada. O tratamento não tem um tempo fixo. Pode levar um ou vários anos, dependendo apenas do grau de dislexia.

Mas pode-se aprender tão bem — ou melhor — quanto qualquer outro. Einstein só aprendeu a ler aos nove anos, mas a teoria da relatividade formulada por ele revolucio-

cionou o mundo. Thomas Edison teve que ser ensinado por sua mãe em casa, porque seus professores achavam que era deficiente mental. Mas, graças à sua lâmpada elétrica, hoje o mundo pode ler à noite.

SERVIÇO

MARIA CONCEIÇÃO P. DE OLIVEIRA
Fonoaudióloga
Tel.: 225-7624

SELMA AFONSO NAZARÉ
Psicóloga e psicomotricista
Tel.: 225-4639